



Fonte: VRIES, Bouke de. 2018

# MUSEU DA EXPERIÊNCIA

Construindo a memória dos povos  
canoeiros do Pantanal

Wagner Bahia Pereira

Prof. Orientadora - Fabíola do Vale Zonno  
Trabalho Final de Graduação - TFG - FAU.UFRJ



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço as meus amigos e familiares que me deram todo o apoio nessa caminhada que chega a termo agora. Em especial aos meus pais, irmãos e professores que, cada um a sua maneira, concorreram para o meu sucesso.

## SUMÁRIO

1. Introdução	7
1.1. Povos canoieiros: quem são?	8
1.2. O olhar antropológico europeu	12
1.2.1. Hercule Florence	14
1.2.3. Max Schmidt	16
1.3. A importância da construção de sua memória.	25
1.4. Base cultural da identidade local.	26
2. A proteção ao patrimônio	34
3. A descolonização do pensamento.	40
4. Maciço do Urucum: o território proposto.	42
5. Lugares de memória	44
5.1. Lajedo de petroglifos	46
5.2. Aterros	54
5.3. Artefatos arqueológicos	56
5.4. Artefatos etnográficos	60
6. Contextos	62

7. Continuidade e ancestralidade	66
8. O projeto	68
10. Bibliografia.	72



## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca dar visibilidade ao patrimônio arqueológico produzido pelos povos canoieiros do Pantanal, ao longo de 5.000 anos de ocupação daquele território. Desta forma, procura garantir a valorização deste patrimônio praticamente desconhecido pelas pessoas em geral e estabelecer uma outra relação cultural e identitária da população local com essa história.

Na página ao lado, jovem nadando no rio Paraguai em meio aos camalotes e pescador tradicional navegando em uma *canoinha* - embarcação típica da região utilizada pelos povos canoieiros.

### 1.1. Povos canoieiros: quem são?

Os povos canoieiros do Pantanal correspondem a grupos étnicos distintos que compartilham aspectos culturais bastante específicos na sua relação com o meio ambiente local e que vêm ocupando o Pantanal pelos últimos 5.000 anos.

A pesquisa sobre estes povos foi feita de forma mais intensa durante a década de 2000 até meados da década de 2010 nos campos da arqueologia e o da antropologia.

O pantanal é uma bacia sedimentar geologicamente recente que entrou no período chamado de “optimum climaticum” há 5.000 anos. Desde esta época, o ecossistema permanece estável em sua configuração e relações ecológicas. Sua área é de cerca de 500.000 Km<sup>2</sup>. É a maior planície de inundação do mundo onde há uma grande abundância e diversidade de fauna e flora.

O historiador e arqueólogo Jorge Eremites de Oliveira, em sua tese de mestrado, nos informa que na relação com este espaço os povos cano-





mestrado, nos informa que na relação com este espaço os povos canoieiros desenvolveram uma cultura própria e em muitos aspectos compartilhada entre as diferentes etnias ao longo do tempo. Tais características podem ser assim resumidas: não produziram a agricultura, a não ser de forma incidental; sua principal atividade de subsistência era a pesca, seguida da coleta e da caça; produziram uma tecnologia bastante simples e que respondia as suas necessidades cotidianas; eram ceramistas; seu deslocamento se dava por canoas que vinculavam o alcance de sua mobilidade espacial ao regime de cheias e vazantes; possuíam assentamentos sazonais e permanentes; estavam organizados em grupos familiares autônomos e isolados.

No período da conquista ibérica o pantanal apresentava elevada densidade demográfica representada por grupos cultivadores e, principalmente, grupos canoieiro-pescadores de grande diversidade étnica e linguística.

Dada a ainda pouca e recente produção de conhecimento científico sobre tais povos, optamos por restringir a pesquisa ao povo da tradição

pantanal, assim chamado por conta da denominação que se dá à cerâmica produzida por eles, como informado pela produção científica principalmente do prof. José Luis Peixoto, da UFMS; e ao povo guató, último representante dos povos canoeiros, estudado em profundidade pelo prof. Jorge Eremites de Oliveira em sua tese de mestrado. Estas duas populações compartilham as características citadas acima.

O chamado povo da tradição pantanal ocupou a região de 3.000 a 1.000 atrás. O conhecimento levantado sobre essa população foi de saber arqueológico. Os registros sobre alguns sítios arqueológicos produzidos por eles têm início em meados do séc. XIX, de forma ainda incipiente. Existem milhares de artefatos arqueológicos dessa população já recolhidos em excavações na área que vêm gerando uma grande produção científica, sendo possível através desse trabalho determinar a datação do material e, conseqüentemente, o período em que essa população específica viveu.

O povo guató, considerado extinto até meados dos anos 1970 foi “re-descoberto” através de uma pesquisa sobre sua língua produzida pelo

prof. Adair P Palácio. Os guató, nesse momento, passaram a se organizar politicamente a fim de pleitearem a demarcação de uma reserva indígena e da valorização de sua cultura. Atualmente habitam a periferia de Corumbá e a sua reserva localizada na Ilha Ínsua.

O conhecimento produzido sobre os guató remonta ao início do séc. XIX e é antropológico, dada a presença viva de seus representantes e o desenvolvimento da Antropologia como ciência na passagem do séc. XIX para o XX.

A escolha dessas duas populações, ambas representantes dos povos canoeiros do Pantanal, evidencia as permanências culturais vinculadas principalmente ao meio ambiente e garante ao escopo do trabalho uma maior distenção temporal, o que enriquece a abordagem e as possibilidades de projeto.

## **1.2. O olhar antropológico europeu**

O registro da presença de europeus na região remete ao séc. XVI,

quando por ali passavam exploradores em busca do ouro inca, do qual tinham notícia por tribos indígenas no litoral do Brasil. O continente era conectado por estradas que venciam estas distâncias, sendo a mais conhecida delas o Caminho do Peabiru, que saía de Santa Caratina numa de suas ramificações, de Paraty e do Rio de Janeiro de uma outra, passava por São Paulo, Paraná, Assunção no Paraguai, Corumbá, Copacabana na Bolívia e chegava a Cuzco, capital do império Inca, no Peru. Em especial, citamos Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que ao passar pela região em 1541, relatou a presença de grande população indígena, que habitava num ambiente regulado pelo ciclo das águas. Outros exploradores como Juan Días de Solis, em 1515; Aleixo Garcia, em 1522; e Ulrico Schmidl, em 1538; cruzaram o rio Paraguaia em busca do ouro.

Inúmeros exploradores, depois naturalistas, e mais tarde etnólogos, passaram pela região e registraram os povos canoieiros. Nos restringiremos a duas figuras de importância: Hercule Florence, naturalista; e Max Schmidt, antropólogo.

Na página ao lado, registro iconográfico de Florence de uma família guató e seus artefatos: abrigo temporário, lanças, cerâmica, esteiras, abanador. Técnica em aquarela e ponta seca, 1826.

### 1.2.1. Hercule Florence<sup>1</sup>

No curso da expedição Langsdorff, que dura até 1829, Florence passa pela região de Corumbá em 1826 e faz registros iconográficos dos guató. Seu trabalho é de suma importância, dado que o registro observa como são as famílias, como é sua relação com o meio, seus artefatos, suas habitações, dentre outras informações de natureza etnográfica. Ainda não existia a antropologia como ciência, só criada no início do séc. XX, mas a atuação de Florence tinha conteúdo científico e considerava questões mais tarde incluídas no campo da antropologia.

---

1 Hercule Florence é um francês nascido em 1804 em Nice. Na adolescência se destaca em desenho e se emprega em navios de guerra e mercantes. Aos 20 anos, em 1824, desembarca no Rio de Janeiro onde trabalha como desenhista, pintor, comerciante e tipógrafo. Atende ao anúncio do naturalista Langsdorff que organizava uma expedição pelo interior do país em nome da Academia Imperial de Ciências da Rússia e se junta ao grupo como desenhista juntamente com Rugendas e Taunay.



Na página ao lado, registro iconográfico de Florence intitulado *Famille de Nation Guato*, de 1826. Registro de sua organização familiar, artefatos cerâmicos quotidianos, remo, habitação permanente, vegetação típica de aterro, palmeira acuri.

A família retratada acompanhou a expedição Langsdorff até Cuiabá como registra Florence em seu diário de viagem.

“(...) os registros de Florence colocaram em evidência grupos indígenas brasileiros que estavam (...) até então ausentes do panorama iconográfico. (PEREIRA, 2016, p. 68)”

“Os desenhos e as pinturas de Hercules Florence são realistas e descritivos. O traçado é nítido, e predomina a linha sobre a cor na maioria dos estudos realizados durante a expedição (COSTA; DIENER, 1995). Seus critérios pareciam mais balizados pela ciência do que pela arte em si.” (PEREIRA, 2016, p. 69)

### 1.2.3. Max Schmidt<sup>1</sup>

---

2 Max Schmidt nasceu na Alemanha em 1874 e foi professor, doutor em direito e filosofia. Durante o curso de direito, dedicou-se também aos estudos de economia política, filosofia e, especialmente, de etnologia. Em 1899 e 1900 esteve na Faculdade de Filosofia de Berlim para estudar etnologia e antropologia. Torna-se voluntário, em 1899, do serviço do Museu de Etnologia de Berlim, trabalhando na Seção Americana.





FAMILLE DE NATION CUATO.

Registros fotográficos de Schmidt da p. 19 à p. 24.

Na página ao lado, guató no topo de uma palmeira acuri. Esta palmeira servia para a construção das habitações, fabricação de cordas, suporte para utensílios, estruturação e fixação do solo do aterro, dentre outros.

A imagem mostra a técnica de retirada da seiva da Acuri para a fabricação de bebida destilada consumida pelos Guató.

Schmidt vem ao Brasil em três ocasiões no começo do séc. XX, como etnólogo, para estudar as populações nativas e tem contato com os guató. Produz diversos trabalhos sobre esses índios.

A importância de Schmidt no registro dos guató se dá pelo fato de ser ele formado por esse novo campo da ciência, a antropologia, e por isso produzir um outro tipo de registro. Não mais naturalista e produzido através dos métodos desse campo de saber. Os registros fotográficos feitos por Schmidt são fonte importante de pesquisa. Registram os guató em suas atividades cotidianas, inseridos no meio ambiente típico do Pantanal, seus apetrechos, construções, estrutura familiar, dentre outras questões.



Nesta página, registro do ambiente do aterro ocupado, onde habitavam os povos canoeiros.

Na página seguinte, registro de uma família guató em canoa típica.

O homem sempre ia à frente no remo, a mulher atrás guiando a canoa e os filhos e utensílios no centro. Tudo que uma família guató possuía cabia dentro dessas canoas .



VIII 1414.



Suató vs. Figueira

Max Schmidt.

Nesta página, registro a atividade extrativista dos Guató. Uma das coletas mais importante era a de arroz selvagem.

Na página seguinte, registro de aterro visto a partir da água. Vêem-se a habitação guató, relação do aterro com o corpo d'água, vegetação típica e canoas.





2984

Nesta página, registro iconográfico de habitação guató com presença da Acuri.





### 1.3. A importância da construção de sua memória.

A cultura dos povos canoieiros do pantanal é de caráter autócone e bastante rico na geração de sua subjetividade, cosmovisão e relação íntima e profundamente adaptada ao meio ambiente da região. Os artefatos e sítios arqueológicos representativos dos povos canoieiros pré-históricos, por exemplo, tem o seu ápice e produção mais intensa no período de 3.000 a 1.000 atrás. Podemos estabelecer um paralelo entre a geração destes espaços arquitetônicos e outros alhures construídos no mesmo período.<sup>1</sup>

Apesar disso, a população em geral, e especialmente a população local, ignoram a existência desse passado e patrimônio cultural. A divulgação desse conhecimento tem o potencial de expandir e complexificar a percepção da população pantaneira sobre a sua matriz cultural e identitária.

---

3. O Parthenon, na Grécia, reconstruído no período clássico 2.500 anos atrás; Stonehenge, na Inglaterra, construído entre 3.500 e 3.100 anos atrás; ou a cidade de Copán, na América Central, construída há 2.900 anos pelos Maia

Na página seguinte, vista aérea do forte Coimbra , datado de 1775. Nota-se o entorno de áreas alagáveis e morraria.

#### **1.4. Base cultural da identidade local.**

A ocupação do território pela coroa portuguesa se deu em meados do séc. XVIII com a finalidade de fixar as fronteiras da colônia e resguardar o território em face da disputa com os colonizadores espanhóis. Corumbá foi, então, fundada na região na década de 1770 com a finalidade de garantir o estabelecimento da fronteira militarmente. Por muito tempo permaneceu tendo a função apenas de entreposto militar.

Após a guerra do Paraguai, findada em 1869, a ocupação da região se intensifica. Corumbá passa a ser um entreposto comercial importante tendo o 3º porto mais importante do Brasil. A cidade tem um grande afluência de comerciantes europeus que estabelecem um comércio de exportação de matérias primas vindas de toda a província de Mato Grosso e importação de produtos industriais produzidos na Europa.



Na página seguinte,  
registro fotográfico do  
porto geral de Corumbá  
no início do sec. XX.  
Disponível em: [https://  
br.pinterest.com/](https://br.pinterest.com/)  
Acesso em 116.11.19.

Uma arquitetura eclética é produzida mesclando materiais locais como a pedra ainda utilizada localmente com o ferro importando como material construtivo. Uma infraestrutura urbana moderna é então produzida com a construção de um teatro, uma usina elétrica, iluminação pública, santa casa, colégios, dentre outros.

Os guató e outros povos canoieiros estabelecem relações comerciais com os “brancos”, trocando peles de animais e produtos da atividade extrativista por roupas, utensílios de metal e sal. Desde os primeiros contatos com os ocidentais, os Guató foram amigáveis e receptivos às trocas culturais, rapidamente agregando ao seu modo de vida plantas como a bananeira, animais como o cachorro e têxteis como camisas, calças e saias.

Grandes fazendas são criadas, expulsando a população indígena nativa ou condicionando a sua permanência nestes territórios ocupados por eles há milênios ao trabalho não remunerado nas fazendas de criação de gado.



Vista perspectivada atual do casario eclético do porto geral de Corumbá.

Na p. 32, registro do portal de entrada de Corumbá. Note-se a representação do casario eclético tombado e de elementos da natureza como a palmeira e aves.

Na p. 33, registro fotográfico do *homem pantaneiro* no trabalho no campo.



Todo esse movimento é historicamente bastante recente quando o comparamos com a ocupação milenar dos povos canoeiros. No entanto, a construção da identidade local dá ênfase aos processos ocorridos nos últimos 250 anos, dando mais valor à cultura do colonizador

Podemos mencionar dois pontos da cultura regional que têm destaque na construção da representação da identidade local: a arquitetura eclética, produzida de 1870 até 1915 localmente; e a figura do “homem pantaneiro”.

A arquitetura eclética é um símbolo da implantação da civilização ocidental, claramente de matriz européia e produzida no contato com os imigrantes e nas relações comerciais e navegação travadas com os países da bacia do prata, especialmente Buenos Aires.

O “homem pantaneiro” constitui-se em verdadeiro caubói tropical. É entendido como uma figura aventureira, livre, forte e destemida que subjuga e controla a natureza local, extraindo dela as riquezas agora não mais apenas coletadas mas produzidas na criação do gado.







## 2. A PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

O movimento de valorização da herança européia e apagamento ou subjugo das outras matrizes raciais que conformam a nossa cultura não é exclusivo da população local. Ele permeia todas as esferas sociais no Brasil.

Isso se reflete na política de proteção ao patrimônio, especificamente de tombamento praticada pelo IPHAN. O conjunto do casario do porto geral de Corumbá, representante da arquitetura eclética produzida na passagem do séc. XIX para o XX foi tombado pelo IPHAN em 1993. O próprio Pantanal têm o título de reserva da biosfera conferido pela UNESCO desde 2000. O patrimônio de origem indígena, apesar da sua importância e antiguidade, não teve a mesma sorte.

Não buscamos aqui discutir os valores intrínsecos do patrimônio arquitetônico de matriz européia no Brasil. Compreendemos a existência de suas qualidades que justificaram os instrumentos de proteção, mormente o tombamento, utilizados pelo IPHAN. A questão

mormente o tombamento, utilizados pelo IPHAN. A questão colocada é a de que a produção do patrimônio material executado por indígenas e afro-brasileiros é basicamente ignorada, somente muito recentemente sendo objeto de alguma atenção.

Apenas 0,5% de todos os bens tombados pelo IPHAN são sítios arqueológicos indígenas. Os sítios arqueológicos considerados neste projeto, apesar de milenares e de seu alto valor cultural não são tombados em caráter nacional, tampouco protegidos pelos órgãos de proteção ao patrimônio nos níveis estadual e municipal. São apenas registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, o que evidencia um grau de atenção conferido pelo órgão, mas nenhuma proteção prática.

Existe um museu de história regional – MUHPAN – localizado no porto geral de Corumbá e instalado num casarão comercial eclético da década de 1870. Neste museu, há uma narrativa bastante tradicional sobre a história local, trazendo os artefatos inseridos num percurso temático e cronológico, que menciona essas populações indígenas,

Na p. 38, registro fotográfico da fachada do MUHPAN - Museu de História do Pantanal.

Na p. 39, registro fotográfico o interior do MUHPAN. Note-se a representação da cultura indígena por meio de manequins e cenografia que simula o ambiente natural. Típica de um museu de história natural.

principalmente na sua relação com o colonizadores. A exposição traz uma sequência de artefatos, placas informativas, vitrines com dioramas em tamanho natural onde os visitantes podem ver representações dos indígenas em seu contexto “natural”.

Esta não é a única forma de narrativa museológica. O trabalho de Lina Bo Bardi nas exposições que montou sobre a cultura popular brasileira representa outra possibilidade bastante potente.

Dignas de nota são as exposições feitas em fins da década de 50 e nos anos 60. A exposição Bahia, montada no Parque do Ibirapuera em 1959, a exposição Nordeste, montada no Solar do Unhão em 1963 e a exposição A Mão do Povo Brasileiro, montada no MASP em 1969, trazem a cultura popular como constituinte potente da formação do que é o Brasil, não mais sob um ponto de vista do outro, mas a partir do ponto de vista do nosso próprio povo. Lina apesar de italiana de origem, produziu em seu trabalho uma relação próxima com o caráter mais essencial do nosso país.

## Patrimônio material tombado na esfera federal - IPHAN







### 3. A DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO.

A valorização de uma cultura e sua permanência se faz necessária a fim de incluir as populações marginalizadas e a sua/nossa história. Tal movimento territorializa a nossa subjetividade como nação, fazendo com que ela não mais esteja deslocada para uma centralidade europeia ainda não abandonada.

A **descolonização** implica **rejeitar um status quo injusto** e recuperar nossa capacidade de olhar em profundidade, **libertando-se das amarras das categorias coloniais** que limitam nossa imaginação. Significa responder às injustiças cometidas contra outros seres – humanos e não humanos -, derrubar falsas barreiras entre a humanidade e a natureza, dizer em voz alta aquilo que pensamos, superar o medo de ser diferente e restaurar o equilíbrio dinâmico e contraditório que foi rompido por um sistema e um modo de pensar dominantes. (SOLÓN, 2019, p. 33, grifo nosso).

No campo da arquitetura e de seu trabalho como curadora, Lina Bo Bardi enfrentou esse tema, no contexto da industrialização que ocorria no Brasil no anos 1960 e as possibilidades democráticas e de constru-



ção de certa autonomia estimuladas pelo governo federal e especificamente pelo governo da Bahia durante o período em que lá habitou.

A desculturação está em curso. Se o economista e o sociólogo podem diagnosticar com desprendimento, o artista deve agir, além de ligado ao intelectual, como parte ligada ao povo ativo.” (BARDI, 1994, p. 11).”

**O balanço da civilização brasileira “popular” é necessário (...).** Este balanço não é o balanço do folclore, sempre paternalisticamente amparado pela cultura elevada, **é o balanço “visto do outro lado”,** o balanço participante. É o Aleijadinho e a cultura brasileira antes da Missão Francesa, é o nordestino do couro e das latas vazias, é o habitante das vilas, é o negro e o **índio.** (...)

Esta urgência, este não poder esperar mais, é a base real do trabalho do artista brasileiro, uma realidade que não precisa de estímulos artificiais, **uma fatura cultural ao alcance das mãos, uma riqueza antropológica única, com acontecimentos históricos trágicos e fundamentais.** (BARDI, 1994, p. 12, grifo nosso).

Ao falar em “povo ativo” e “balanço visto do outro lado”, Lina referencia a população marginalizada, de origem indígena e africana, como

Na p. 38, registro fotográfico do Maciço do Urucum a partir de um dos sítios arqueológicos de petroglifos - MS-CP-01, situados no sopé da morraria.

motor da construção de uma nova civilização, que não repete e copia modelos eurocêntricos, mas que sabe enxergar o valor de outras potências e formatar esta nova civilização que mescla e não hierarquiza as diferentes heranças culturais. “Ver do outro lado” significaria ver a partir destes personagens, não mais objetos, mas sujeitos da mudança. Infelizmente, a própria arquiteta afirma que esse projeto foi interrompido com o advento do golpe militar de 1964.

#### **4. MACIÇO DO URUCUM: O TERRITÓRIO PROPOSTO.**

A região escolhida para a implantação de projeto foi o maciço do Urucum. Esta é uma extensa área de morraria com cerca de 1.000m de altura, relativamente próxima à cidade de Corumbá e na qual há a ocorrência de diversos sítios arqueológicos produzidos pelos povos canoieiros.

Para estes povos, tal lugar tinha uma importante dimensão espiritual. Dada a topografia pantaneira ser basicamente de planície, com raríssimas elevações, a morraria do Urucum se configura em marco geográ-



Na página seguinte, registros fotográficos do lajedo de petroglifos MS-CP-03, em destaque um petroglifo na relação com a água da chuva; e registro fotográfico do ambiente natural típico de ocorrência dos aterros.

Note-se a planície inundada na época da cheia.

fico visto a centenas de quilômetros de distância, e pela sua verticalidade, detinha uma relação com o divino.

A morraria do Urucum é a quinta maior mina de ferro e manganês do mundo. Há intensa mineração na área e seu desaparecimento vem acontecendo de forma cada vez mais acelerada. Essa tensão entre a exploração econômica predatória e a necessidade civilizatória de proteção e valorização do patrimônio arqueológico presente ali é outro elemento que nos instigou a escolher esse lugar como sítio para o projeto.

## 5. LUGARES DE MEMÓRIA

Os sítios arqueológicos objeto do trabalho são aqui divididos em dois tipos de lugares: os lajedos de petroglifos e os aterros. Apesar de suas diferenças morfológicas, de uso, de localização e de relação com o entorno, não se constituem em espaços desconectados entre si ou desassociados de uma mesma cultura. Não há dicotomia radical entre os aterros e os lajedos de petroglifos. O que há é um diálogo entre estes sítios, desvelando a complexidade das relações entre eles.



## 5.1. Lajedo de petroglifos

Foram produzidos pelo povo da tradição pantanal, de forma continuada no tempo, entre 3.000 e 1.000 anos atrás. Constituem-se em lajes horizontais de pedra com alto teor de ferro, ao sopé da morraria do Urucum em terreno suficientemente elevado para não sofrer as inundações anuais do pantanal, mas próximos das áreas onde a população efetivamente habitava.

Os petroglifos são gravuras feitas nesses lajedos através do atrito continuado de ferramentas líticas provocando sulcos que configuram figuras e formam um sistema linguístico interconectado. As figuras são agrupadas em diferentes áreas do lajedo e conectadas por linhas sulcadas produzidas pelo mesmo processo. Não devem ser tomados apenas como imagem posto que constituem linguagem complexa, de significado ainda não conhecido. Os guató não reconhecem os petroglifos como de sua cultura. Na mitologia guató, eles foram produzidos por

um povo anterior, com o qual estabeleceram contato e trocaram saberes e tecnologia apropriada à vida na região.

Na pré-história constituíam espaço simbólico, desvinculado da vida cotidiana. Tinham relação com a(s) deidade(s) pela gravação das figuras e símbolos em face ao céu, o que supõe a presença de reunião e rituais neste local. Todos estes significados se perderam com o desaparecimento da cultura mas permanecem como patrimônio material que remete a esse uso e importância à época.

Atualmente os lajedos são esvaziados de sentido espiritual e estão sujeitos à destruição pela atividade mineradora. No entanto, tem enorme potencial como patrimônio e a abordagem que se faz hoje é essencialmente de pesquisa científica no campo da arqueologia. Incidentalmente há pesquisa botânica pelas especificidades de flora que apresentam, típica da região da caatinga e que atestam uma relação ancestral entre essa área e o nordeste do Brasil.

Registro fotográfico pessoal do lajedo de petroglifos MS-CP-41, localizado na fazenda Figueirinha e área de atuação para o projeto.

A imagem foi tirada sobre o lajedo com vista para a planície inundável e aterros abaixo.

Na próxima página, registro sobre o mesmo aterro com vista para o cume da morraria. Note-se a atividade de mineração bem próxima ao sítio. Registros realizados em junho de 2019.







Registro fotográfico pessoal do mesma área com destaque para a vegetação que ocorre sobre a laje de pedra e no seu entorno.

Na próxima página, detalhe de um petroglifo no lajedo.

Os registros foram realizados em junho de 2019.

Na p. 52, mapeamento dos petroglifos do lajedo em questão.

Na p. 53, catalogação dos tipos de símbolo dos petroglifos da região de Corumbá.





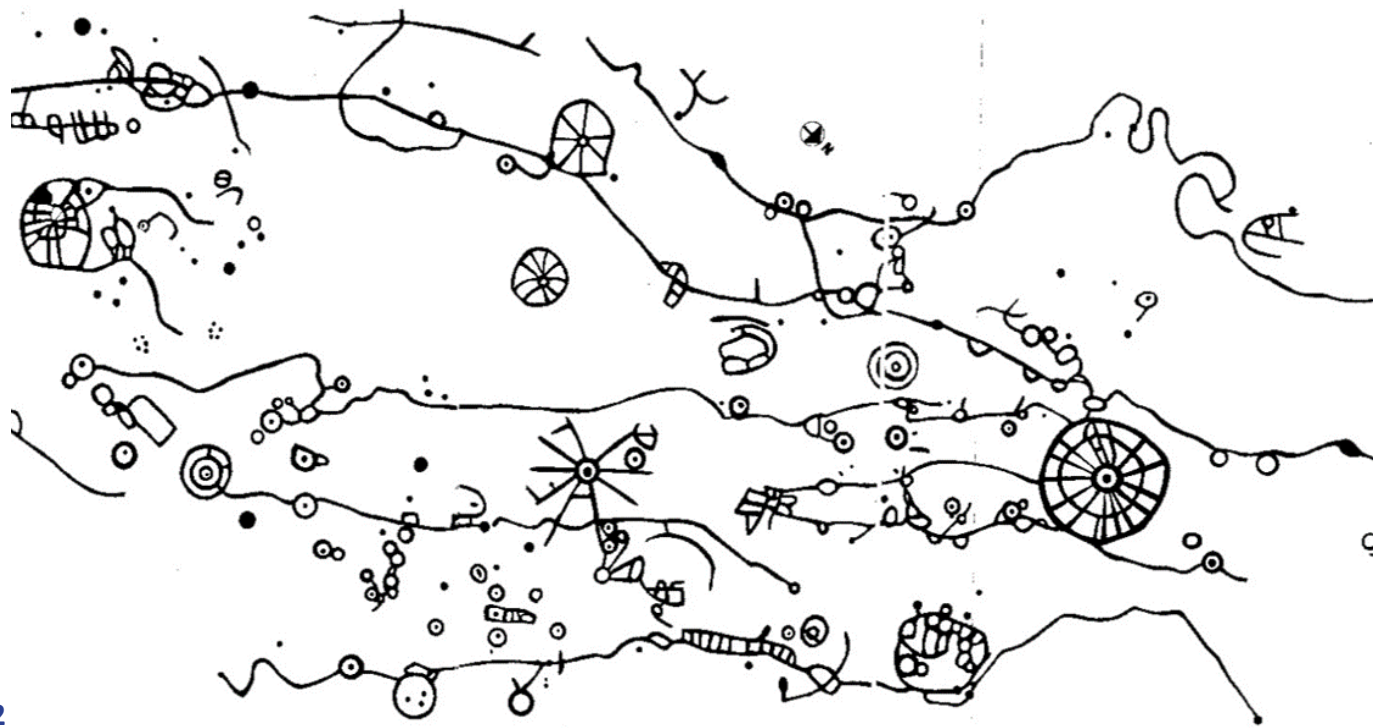


TABELA GERAL

The image displays a comprehensive grid of 200 distinct icons, organized into a 10x20 layout. Each icon is contained within a small square frame. The symbols are highly varied, encompassing a wide range of categories:

- Geometric and Abstract:** Circles with internal patterns, squares, triangles, dots, and various line arrangements.
- Nature:** Trees, leaves, flowers, and other organic forms.
- Animals:** Stylized representations of birds, insects, and other creatures.
- Human Figures:** Simple drawings of people in various poses and activities.
- Tools and Objects:** Items like a hammer, a saw, a wheel, and other mechanical or everyday objects.
- Abstract Symbols:** Unique marks, lines, and shapes that do not clearly represent a specific object or concept.

The icons are arranged in 10 rows and 20 columns. The first row contains 20 icons. The second row contains 19 icons. The third row contains 18 icons. The fourth row contains 17 icons. The fifth row contains 16 icons. The sixth row contains 15 icons. The seventh row contains 14 icons. The eighth row contains 13 icons. The ninth row contains 12 icons. The tenth row contains 11 icons.

Na página seguinte, registro fotográfico aéreo de capões-de-mato e aterros em área alagada durante a cheia.

Note-se no canto inferior direito da imagem, a forma elíptica típica dos aterros dos povos canoieiros.

## 5.2. Aterros

Os aterros são áreas circulares ou elípticas de área na maioria das vezes não superiores a 2.000m<sup>2</sup>, situados na planície inundável. Eram utilizados como habitação dos povos canoieiros. Elevações naturais baixas chamadas de capão-de-mato ou cordilheira eram escolhidas por estarem acima da cota zero. Estes então eram aterrados utilizando-se conchas de moluscos, que estruturavam e fixavam o solo, não sendo então levado pela correnteza durante a cheia. Isso fazia com que aumentasse a sua altura impedido a sua inundação. Atualmente, ocorrem na paisagem como elementos naturais à primeira vista, mas constituem sítios arqueológicos nessa paisagem antropofizada. Nada ali exclui a participação ativa do homem.

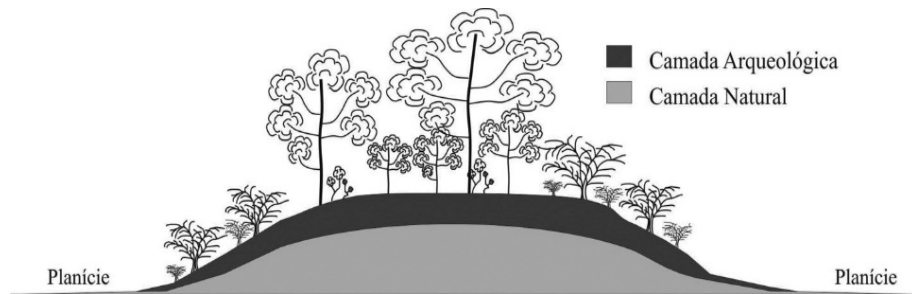
São ocupados a partir de 5.000 anos atrás, sucessivamente pelos diversos grupos canoieiros. Eram espaços de habitação, ligados às atividades cotidianas como o cozinhar, a produção de cerâmica, etc. Vários deles eram temporários, havendo uma hierarquia entre aterros de diferentes características na sociedade guató. Existiam em relação simbiótica com o meio híbrido de natureza e tecnologia construtiva



Nesta página, corte esquemático de um aterro típico.

Na página seguinte, fragmentos arqueológicos de cerâmica da tradição pantanal de tipo cordelado.

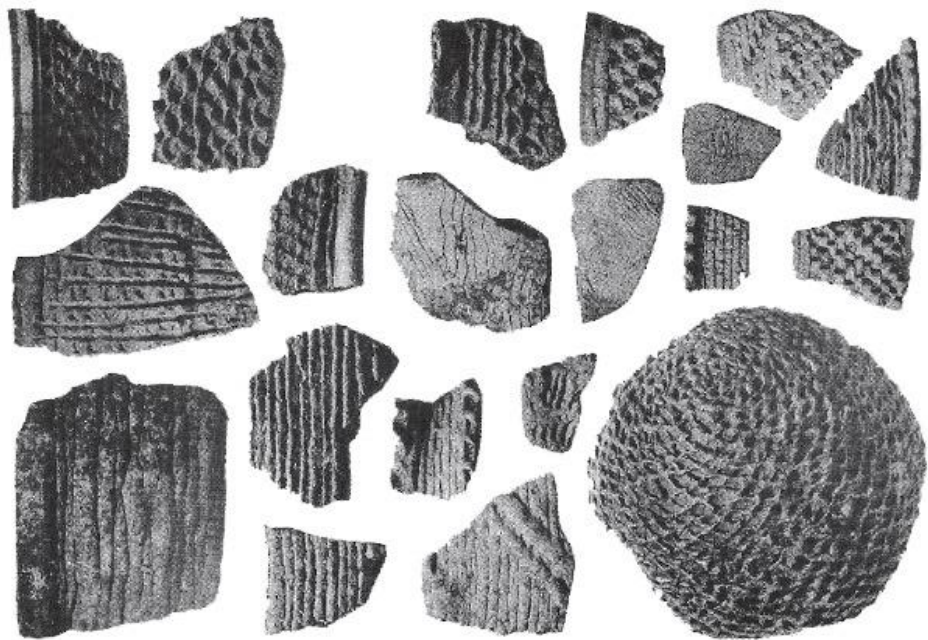
construtiva adaptada ao ecossistema local. Atualmente, a abordagem que se faz deles é de prospecção arqueológica e produção etnográfica.



### 5.3. Artefatos arqueológicos

Os artefatos arqueológicos são de fundamental importância uma vez que resistem como vestígio material de uma população há muito tempo desaparecida. Mas será que é mesmo desaparecida? Com certeza





Na página seguinte,  
fragmentos arqueológicos  
de cerâmica da  
tradição pantanal de  
tipo corrugado e liso.  
Artefato arqueológico -  
cachimbo.

não existe mais como unidade cultural como existiu no passado, mas como vimos, várias de suas práticas permanecem e resgatar essa história é também um caminho de autoconhecimento, somos seus descendentes.

Esses artefatos informam, através de sua materialidade, o que havia de imaterial na sua relação com as pessoas e as práticas culturais. Ao nos aproximarmos da questão, replicamos um cachimbo cerâmico encontrado numa das escavações promovidas na região. O ato de fabricar o cachimbo de forma a ser o mais próximo possível do original, fez com que se desenvolvesse uma técnica e se acessassem informações que a primeira vista o objeto não continha. A cunha na mão ao moldar a peça, a sua queima, por exemplo, são informações reveladas pela experiênciana manipulação do barro e recriação do artefato. A experiência feita através do tato, pelo peso da peça, o barro molhado, o calor do fogo da queima...

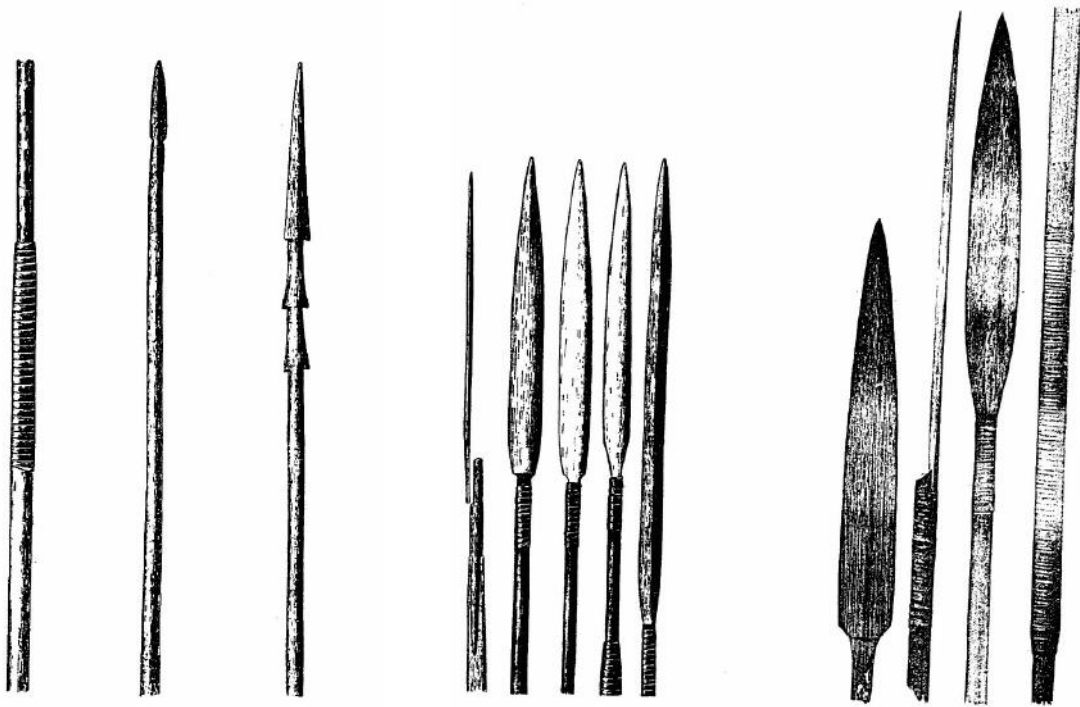


Na página seguinte,  
registros iconográficos  
de tipos de lanças  
guató feitos no início do  
séc. XX

#### 5.4. Artefatos etnográficos

Os artefatos etnográficos cumprem função muito parecida. Sua manipulação nos informa saberes pela experiência ativa que, espera-se, gera empatia e uma aproximação sentida dessa herança cultural ainda desvalorizada.

O que eles têm de específico em relação aos artefatos arqueológicos é a dimensão de seus materiais. A madeira, as penas, os têxteis, as linhas e cordas nos são conhecidos pelos registros científicos e pela sua produção ainda existente dentre os guató. Os dois tipos de artefato são complementares na construção de uma narrativa experiencial, sensorial e sentimental e de certa medida livre ao não propor uma reconstrução história mas sim uma aproximação pelo afeto.



Na página seguinte,  
contexto geral da área.

Em amarelo, as estradas que dão acesso à área de intervenção e fazem a ligação com o centro urbano.

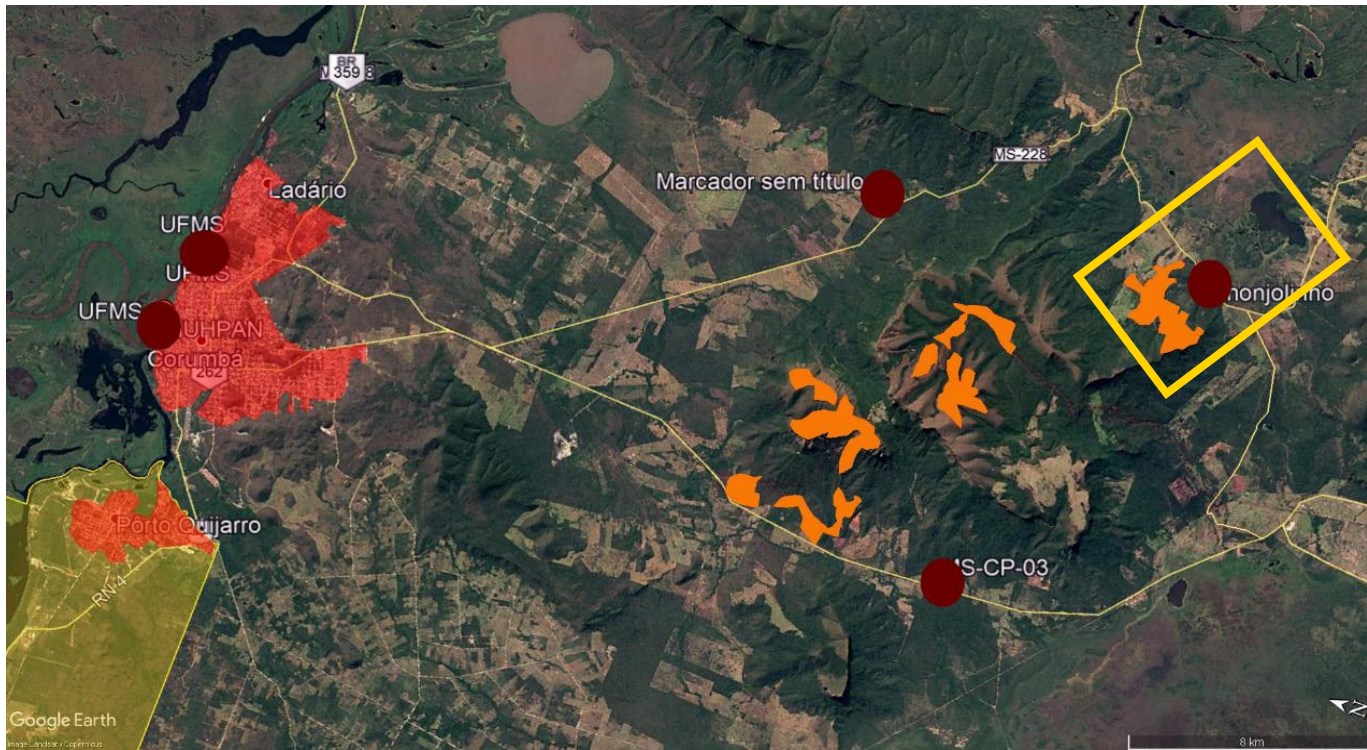
-  Bolívia
-  centros urbanos
-  lajedos de petroglifos; UFMS; MUHPAN
-  áreas mineradas

## 6. CONTEXTOS

Vários contextos são observados e compõem, juntamente com os artefatos, a estratégia projetual. Dentre eles damos destaque ao contexto ambiental; contexto paisagístico; e contextualização sistêmica de produção de saberes.

O contexto ambiental busca estabelecer uma relação entre os espaços por nós projetados e o meio ambiente local e imediato. O ritmo das águas regulava como o uso do espaço e as possibilidades de deslocamento se davam para os povos canoeiros. No lajedo de petroglifos, o entorno de árvores, a ausência de cheia, a relação com o céu significavam questões importantes. A tentativa de aproximação dessas questões deve ser feita a fim de possibilitar uma experiência empática a quem visite o lugar.

O contexto paisagístico deve ser informado como paisagem viva. Os corpos dos muitos animais, os corpos dos homens e plantas compõem esta paisagem. A morraria, a vista que se tem do sopé ao cume e do lajedo para a planície são questões potentes a serem ex-



Na página seguinte, contexto imediato da área de intervenção.

Marcado em amarelo a estrada que dá acesso ao local. Em roxo os sítios arqueológicos - lado de petroglifos MS-CP-41 e aterros. Note-se a presença intensa da mineração a cerca de 1km do aterro de petroglifos e próxima à planície inundável.

ploradas em projeto.

O que chamamos de conexão sistêmica de produção de saberes significa estabelecer uma relação ativa entre os produtores de conhecimento que estão co-relacionados nesse território. A Academia, representada pela UFMS e suas pesquisas arqueológicas, linguísticas, dentre outras; associada ao museu de história regional – MUHPAN, com sua abordagem museológica do assunto; a população guató e descendente, com seus saberes populares de transmissão oral; e o próprio lugar da implantação do projeto, com suas relações contextuais ambientais e paisagísticas. Isso tudo deve conformar um sistema que complexifica a abordagem do tempo, e garante reflexões olísticas e ricas dentre os seus participantes.





Na página seguinte, registro fotográfico tomado por Schmidt nos anos 1910 de uma família guató habitando um aterro. Ao fundo o Acuri e a habitação tradicional. Notam-se elementos ocidentais agregados pelos Guató como as vestimentas e a presença de cães.

Há ainda uma outra fotografia de mulher de traços guató habitante da periferia de Corumbá. Ao fundo da imagem a parede de tijolos cerâmicos sem reboco e a presença de eletrodomésticos.

## 7. CONTINUIDADE E ANCESTRALIDADE

Apesar da identidade local estar baseada na ocupação recente da região, como vimos acima, há uma continuidade cultural que se diluiu ao longo do tempo na cultura local. A população mais pobre da região é descendente em variadas medidas dos povos canoeiros. Fenotipicamente são semelhantes aos guató registrados por Florence e Schmidt e guardam saberes e práticas que são as mesmas daqueles povos.

Tais práticas vão desde a culinária, até as atividades e apetrechos de pesca e coleta que utilizam na região. No entanto, o conhecimento sobre esta origem é bastante deficiente e foi ao longo da história ativamente apagado. Suassuna, referenciando Machado de Assis em diversas palestras proferidas nos anos 2000 e disponibilizadas na internet, denuncia a existência de um “Brasil oficial”, que busca reprimir as manifestações culturais e experiências da população pobre de origem indígena e africana, em face ao “brasil real” que identifica como sendo a verdadeira potência que temos e, como Lina, o define como fartura cultural e riqueza antropológica.



Na página seguinte, registro fotográfico tomado por Schmidt nos anos 1910 de uma família guató navegando numa canoa típica.

A embarcação era construída em tronco único de madeira, escavado e queimado para tomar a forma final.

A fotografia ao lado mostra embarcação idêntica navegada por um descendente dessa população, que se vale das mesmas técnicas e tecnologias que seus antepassados.

A questão aqui se coloca em seu âmbito político. A subjetividade deve ser reconstruída posto que sustenta o status quo que mantém grande parte da população subjugada. Em face dessa adversidade tal reconfiguração é importante.

## 8. O PROJETO

O projeto pretende ser um espaço de valorização de um patrimônio milenar e autóctone que pretende trazer à tona a história de uma população indígena que habitou o Pantanal e cujos descendentes ainda circulam neste lugar. Esta história é desvalorizada, apesar de sua importância já compreendida pela Arqueologia e Antropologia. Nas dinâmicas sociais e políticas locais, tudo que é de origem indígena é compreendido como de pouco valor. A própria população que descende desses grupos muitas vezes não se reconhece como tal e rejeita essa herança.

Diferentemente da produção de um espaço museológico tradicional, que já tem o seu representante local na figura do MUHPAN, a nossa



proposta é de construir um espaço que promova a natureza da experiência relacionada com a paisagem onde estes indígenas habitavam e circulavam, com uma referência a seus modos de vida na relação com artefatos reproduzidos e com a própria paisagem de forma ativa, através de atividades como a cocção dos alimentos e a produção da cerâmica, no estar corporeamente presente e sensibilizado.

Isso pode ser alcançado através de uma abordagem baseada no conceito de “reconstrução emocional” desenvolvido por Peter Zumthor e exposto em seu último livro: “A Feeling of History”

Earlier in life I used to say that what I'm looking for is a way to create the right atmosphere. But now, talking about the time of my places, I think I'm trying to achieve something that I would call “emotional reconstruction”, by which I mean the formal and material qualities my buildings should have when they speak about the time of their place. This, of course, has nothing to do with scientific reconstruction as we know it.” (ZUMTHOR, 2019, p. 68)

“When I speak of emotional reconstruction, what I mean is enabling and stimulating feelings of empathy, maybe even compassion, but also playful curiosity in experiencing a place. The black volumes and the inner spaces I created for the Sauda project are an attempt to create an emotional

environment that bespeaks the vulnerability of those who worked in the mining industry. Both in Kolumba Art Museum and in Shelter for Roman Archaeological Ruins in Chur, I literally recreated spaces that were reminiscent of lost volumes. The imagination is fired, memory can speak. (ZUMTHOR, 2019, p. 69-70)

A abordagem do projeto é fenomenológica e, como Zumthor, buscamos produzir a recuperação de uma memória através da imaginação e da experiência. A reconstrução não é museológica, científica, mas se dá através do lugar e da natureza e da relação com os vestígios materiais desses povos.

## 10. BIBLIOGRAFIA

**AGUIAR**, R.L.S. de; **SOUZA**, J. C. de; **RIBEIRO**, L.; **SAMPAIO**, D.; **LIMA**, K.M. As gravuras rupestres do alto pantanal de Mato Grosso do Sul. *Fronteiras: Revista de História*. Dourados, MS. V. 16 n. 28 p. 70-86, 2014.

**ALCONINI**, Sonia; **BETANCOURT**, C.J. En el corazón de América del Sur 3 (Arqueología de las tierras bajas de Bolivia y zonas limítrofes). Santa Cruz de la Sierra: Imprenta 2E, 2015 .

**BESPALEZ**, E. Arqueologia e história indígena no Pantanal. *Estudos Avançados* 29 (83), 2015. . **CORRÊA**, L. S; **CORRÊA**, V. B. A história do pantanal contada pelo Muhpan. São Paulo: Via Imprensa Edições de Arte, 2013.

**DESCOLA**, Philippe. Outras naturezas, outras culturas. São Paulo: Editora 34, 2016.

**GIRELLI**, M. Lajedos com gravuras na região de Corumbá MS. Tese (mestrado em história). Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS. São Leopoldo, 1994.

**HERRERO**, Marina; **FERNANDES**, Ulysses. Baré, povo do rio. São



Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

**KASHIMOTO**, E. M. ; **MARTINS**, G. R. Arqueologia da Região do Naciço do Urucum e Pantanal de Corumbá-Ladário/MS. Albuquerque: revista de História, Campo Grandem MS. V.5 n. 10 p. 201-225, jul/dez 2013.

**KOPENAWA**, Davi; **ALBERT**, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. .

**KRENAK**, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. .

**MARTÍNEZ**, Cecília; **VILLAR**, Diego. En el corazón de América del Sur: antropologia, arqueologia, história. Santa Cruz de la Sierra: Biblioteca del Museo de Historia/UAGRM, 2015. .

**O Abraço da Serpente**. Direção de Ciro Guerra. Colômbia, Venezuela, Argentina: Diaphana Films, 2015.

**OLIVEIRA**, J.E. de. Os argonautas guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense. Tese (mestrado em arqueologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.

**OLIVEIRA**, J.E. de. Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações

sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal. Revista de Arqueologia, 20: 83-115, 2007.

**OLIVEIRA**, J.E. de. Acuri, a palmeira dos índios guató: uma perspectiva arqueológica. Disponível em: [www. Equiponaya.com.ar](http://www.Equiponaya.com.ar). Acesso em 12/09/2019.

**OLIVEIRA**, J.E. de. Arqueologia Pantaneira: história e historiografia (1875-2000). Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

**OLIVEIRA**, J.E. de. Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do pantanal. Revista Arqueologia, 16: 71-86, 2003.

**OTAVIO**, Paulo. Memórias do Pantanal Rupestre. [s.i.]: [s.i.], [s.d.] .

**PEIXOTO**, J.L.S.; SILVA, M.A.G da. Arqueofauna do aterro limoeiro, pantanal, Brasil. Revista de Arqueologia, v. 13, nº 1, 2017.

**PEIXOTO**, J.L.S. Limites e continuidades dos registros rupestres na Chiquitania/Bolívia e no Pantanal/Brasil: o estilo chiquitaniapantanal. Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales Nº1 (2). 2013.

**PEIXOTO**, J.L.S. ;SCHMITZ, P. I. A arte rupestre do caracará, Pantanal, Brasil. Revista CLIO – Arqueológica, V. 26, nº 2, 2011.

**PEIXOTO**, J.L.S. Relação entre os Aterros e níveis hidrológicos do rio Paraguai, Pantanal (MS). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 13, 2005, Campo Grande/MS. Anais..., Campo Grande: Ed. Oeste, 2005. 1 CD-ROM.

**PEREIRA**, S. M. C. Etnografia e iconografia nos registros produzidos por Hércules Florence durante a expedição Langsdorff na província do Mato Grosso (1826-1829). Tese (mestrado em história) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2008.

**SCHMITZ**, P. I.; **ROGGE**, J. H.; **ROSA**, A. O.; **BEBER**, M. V.; **FREITAS**, E. A. V. de. Aterros da tradição pantanal nas fazendas Sagrado Coração de Jesus e Bodoquena, Corumbá, MS. Pesquisas. Antropologia n. 67 p. 321-374. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2009.

**SOLÓN**, Pablo. Alternativas Sistêmicas: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

**SUASSUNA**, Ariano. Ariano Suassuna e a diferença do Brasil oficial e do Brasil real. Youtube. 16 abril 2019. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Pr59\\_WOimrU](https://www.youtube.com/watch?v=Pr59_WOimrU)>. Acesso em 17 de novembro de 2019.

**500 Almas.** Produção de Joel Pizzini. São Paulo: Grifa Cinematográfica, Teleimage, 2007. . Memórias do Pantanal Rupestre Santiago Plata. Mato Grosso do Sul: produção macro vídeo, s.d.

**ZUMTHOR,** Peter. Peter Zumthor 2002-2007. Buildings and Projects, volume 4. Suíça: Verlag Scheidegger & Spiess AG, 2014.

**ZUMTHOR,** Peter; **LENDING,** Mari. A feeling of history. . Suíça: Verlag Scheidegger & Spiess AG, 2018.



